



As artes do sagrado e a pedagogia griô: contribuições para a educação em saúde integrativa

Adriana de Holanda

“E a cigana analfabeta lendo a mão de Paulo Freire.”

Chico Cesar

O presente artigo partilha as sabedorias da pedagogia griô aplicadas à educação em saúde integrativa. A pedagogia griô foi criada pela educadora Lillian Pacheco, com base em sua prática pedagógica no Grãos de Luz e Griô, em Lençóis, na Bahia, que oferece iniciação pedagógica da escola e de griôs aprendizes para integrar mito, arte, ciência, história de vida e todos os saberes e fazeres tradicionais da comunidade, bem como coloca como centro do saber a vida, a singularidade e a ancestralidade dos estudantes. A vivência, a oralidade e a corporeidade são referências do processo de elaboração do conhecimento; e os griôs e mestres protagonistas na educação da comunidade. Segundo Cavalcanti (2021), tem como referências pedagógicas a vivência e a literatura formal e informal dos educadores e pesquisadores brasileiros da educação biocêntrica, da teoria de Paulo Freire, da educação para as relações étnico-raciais positivas e dissertações acadêmicas que já versam sobre a própria pedagogia griô.

Em nosso percurso na Fiocruz, destacamos como experiências importantes na tríade assistência, ensino e pesquisa: (i) a realização do

intercâmbio de arte e saúde afro-brasileira, realizado em cooperação com a Universidade Federal Fluminense; (ii) projeto “Linguagens da arte e humanização do SUS”; (iii) realização do projeto “Arte e magia na Jurema pernambucana”, que nos contemplou com o edital da Ação Griô Nacional do Ministério da Cultura (AÇÃO..., 2013).

Dessas três experimentações, indicamos a importância da pedagogia griô como processo que integra as medicinas sagradas em sua aplicabilidade tanto na assistência à saúde como no ensino em Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) e os saberes tradicionais associados a ela. A pedagogia griô é um modo de ofertar processos de construção compartilhada do conhecimento construído em todo o processo educacional envolvendo os mestres da cultura tradicional, suas artes de cuidar, seus saberes e fazeres, assim como os alunos, os pesquisadores e os trabalhadores da saúde (AÇÃO..., 2013).

Portanto, a pedagogia griô na educação em saúde integrativa nos convida a colocar as duas formas de conhecimento para dialogarem: a das ciências da saúde formal (ciência moderna baseada em evidências) e a da ciência da saúde informal (as medicinas). A abordagem metodológica transversal, na qual as experiências da produção do conhecimento de forma indissociável entre assistência e pesquisa são ancoradas na pedagogia griô, foi discutida na tese de doutorado em memória social (CAVALCANTI, 2021).

As contribuições da pedagogia griô são importantes para a construção de uma proposta de educação (transdisciplinar) que possa abarcar os estudos da saúde integrativa de forma transdisciplinar e humanizada, cabendo aqui a reflexão sobre a conexão da Política Nacional e Humanização em Saúde e a PICS/MTCI, ambas do Ministério da Saúde (CAVALCANTI, 2021).

No início das atividades da Jurema Sagrada trazida de Pernambuco para o Rio de Janeiro em 2008, identificamos que a sabedoria contida nas práticas de cura da comunidade tradicional poderia e deveria ser incluída em um processo de educação integral em práticas integrativas e complementares em saúde. A Jurema Sagrada é uma tradição espiritual de matriz indígena do Nordeste brasileiro, que contempla formas de

cuidar da saúde do corpo e do espírito em conexão com as sabedorias do meio ambiente e seus elementos, aos quais nomeamos como medicinas da Jurema Sagrada – medicinas da terra, da fumaça, do mel e da morte, podendo ser melhor aprofundada na tese supramencionada..

Atrelado ao diálogo com as experiências de pesquisa no campo da cultura e saúde já em andamento na Fiocruz desde 2004, incluímos em nossas experimentações de educação em saúde, as práticas medicinais integrativas do projeto “Arte e magia na Jurema pernambucana”. Elegemos a linguagem da música que compõem o repertório de saberes da Jurema como guardiã sagrada dos maracatus, dos cocos de roda, das cirandas, do cavalo-marinho. E a partir dela tecemos importantes enredos narrativos que, ao mesmo tempo que disseminavam as sabedorias das comunidades de Jurema, preservavam-nas como memórias narrativas da cultura brasileira.

Podemos destacar que tanto a pedagogia griô, como as formas pedagógicas das medicinas da Jurema Sagrada propõem um atravessamento de saberes entre os conhecimentos formais contemporâneos e os saberes tracionais, não formais, não se tratando de substituir um saber pelo outro ou de considerar que um seja melhor ou mais importante que o outro. Aprendemos com a pedagogia griô e com as comunidades tradicionais, que todo saber é importante.

Esboçamos a seguir os caminhos metodológicos percorridos para a sistematização que propomos acerca das narrativas do projeto-Escola Semente de Jurema (ESJ) e seus elos de saber com a ciência não formal dos povos tradicionais de Jurema. Todo percurso da pedagogia griô e de seus ciclos formativos foi baseado em reconhecer o lugar do mestre da cultura, seus aprendizes e comunidades tradicionais, seus legados de saberes dos povos originários brasileiros.

A pedagogia griô é um aprendizado da vivência de rituais afetivos e culturais que facilitam a mediação de encontros entre as idades, a escola e a comunidade, grupos étnico-raciais, tradição e contemporaneidade. Interage realizando a mediação de saberes ancestrais de tradição oral e as ciências formais, por meio do reconhecimento do lugar social, político

e econômico dos mestres griôs na educação. É uma proposta pedagógica que convida a elaboração conjunta entre professores do ensino formal e os mestres das tradições informais, tendo como foco a expressão do vínculo com a ancestralidade e a celebração da vida.

Na pedagogia griô, os facilitadores das vivências de rituais afetivos e culturais são os Griôs aprendizes e os educadores griôs. A pedagogia griô tem referências teóricas e metodológicas em que apresenta a dinâmica de um povo que caminha e reinventa a roda da vida todos os dias no Brasil e na África: educadores, psicólogos comunitários, educadores, gestores políticos e principalmente mestres griôs brasileiros e africanos (PACHECO, 2006). Ela afirma a educação biocêntrica de Ruth Cavalcante e Rolando Toro, a educação para as relações étnico-raciais positivas de Vanda Machado, a educação dialógica de Paulo Freire e a educação que marca o corpo de Fátima Freire, a cultura viva comunitária de Célio Turino, a psicologia comunitária de Cezar Góis, a produção partilhada do conhecimento de Sergio Bairon e todas as práticas de transmissão oral das culturas tradicionais do Brasil.

Na pedagogia griô propõe-se um modelo de ação pedagógica que facilite processos vivenciais, embasados em conceitos relacionados com a linguagem, a elaboração, a transmissão e a aprendizagem de conhecimentos no universo das culturas tradicionais de transmissão oral. No lugar da música universal, cantos e cantigas tradicionais; no lugar da dança europeia, incluímos danças, brincadeiras e dramas tradicionais; no lugar das emoções, afirmamos os sentimentos de pertencimento da comunidade, os elos comuns nos processos de adoecimento e saúde.

As práticas de transmissão foram construídas nos terreiros; nas capoeiras; nos torés; nos sambas de roda; nos reisados; nos cantos do trabalho; nas festas populares; nos cordelistas e repentistas; na ciência das parteiras, das rendeiras, das rezadeiras; na antevisão dos pais e das mães de santo; na brincadeira dos bonequeiros; na medicina dos curadores, das erveiras, das benzedoras e dos xamãs; na biblioteca viva dos contadores de histórias; e em todas as artes integradas aos mitos e às ciências da cultura oral. Segundo Lillian Pacheco (2006, p. 14),

os princípios da Pedagogia Griô se concentram nos seguintes temas: ancestralidade e a celebração da vida como centro do saber e fortalecimento do continente afetivo dos grupos no universo da educação e tradição oral; a aprendizagem e vivência de práticas, saberes e línguas de tradição oral, seus conceitos-chaves e seus processos de transmissão e circulação como expressão da inteligência da diversidade da alma humana; reelaboração das práticas e saberes de tradição oral para dialogarem com o saber formal nas escolas e universidades; reconhecimento do lugar social, político, cultural e econômico dos velhos mestres Griôs de tradição oral por sua própria comunidade de origem, como estruturante para a educação, afirmação e fortalecimento da identidade e ancestralidade do povo brasileiro; valorização das redes de transmissão oral e convivência intergeracional das comunidades, reatando o fio da história entre o velho e o novo, o mundo tradicional e contemporâneo por uma ética a favor da diversidade da vida e dos povos e uma educação comunitária; reconhecimento dos mestres Griôs como autores, eruditos, sujeitos, educadores e pesquisadores em relação aos saberes das redes de transmissão oral e comunidades tradicionais.

Essa pedagogia inclui ainda, em seu modelo de ação, as mitologias da tradição oral e ancestral de um povo, relacionados a histórias de vida do cotidiano e de sua ancestralidade, com suas lutas e projetos sociais, políticos e econômicos – ciências da vida, das artes e ofícios tradicionais, dos saberes e fazeres que celebram e sustentam a vida da comunidade.

A pedagogia nasceu dessa vontade de reaproximar os saberes culturais locais da educação formal, que Márcio Caires e Lillian Pacheco (2018) constataram não mais haver na região de Lençóis, Bahia/Brasil e por meio do pedido de permissão para tradução e uso do termo “griô” no Brasil, que foi abraçado desde 1998, quando foram iniciadas as caminhadas do Velho Griô, em Lençóis, na Bahia. Começaram então as andanças pedagógicas, afetivas e culturais na figura reinventada do “velho griô”, que nasceu do contato de Márcio Caires com *griots* do Mali.

Conforme Pacheco (2018), de Márcio Caires nos indica a relação dos griôs africanos com os temas de saúde integrativa entre suas comunidades e os gestores da cultura e saúde africanos. Segundo Caires, Mamadou (*griot* africano) informou que em 1992 ele teve a iniciativa de criar a Associação de Comunicadores Tradicionais. A categoria de comunicadores tradicionais, ou seja, os *niamakalas*, é composto do ferreiro, no idioma deles *bamanan o nomou*; do trabalhador do couro ou *garanke*; do *djeli ou griot*; e de um tipo de animador chamado *funé*. Em 1999, essa associação foi reconhecida legalmente e a primeira grande campanha da instituição foi lutar contra a excisão feminina (a circuncisão das mulheres). Em 2002, eles conseguiram que o governo anulasse a lei que proibia falar sobre o assunto.

Mediante as narrativas de Márcio Caires, podemos constatar que Mamadou descrevia que no Mali a maioria da população vivia no campo e era de tradição oral, conseqüentemente, as mensagens emitidas pelos meios de comunicação não chegavam até essas pessoas. Em 1976 Mamadou começou a trabalhar em rádio e televisão no Mali; ele afirmava que as mensagens daquele país tinham de ser emitidas pelos griôs mestres da palavra e pelos *niamakalas*, pois só assim a comunidade se reconheceria nos temas abordados, como campanha de vacinação, aids, excisão, participação legislativa, entre outros.

Os comunicadores tradicionais teriam esse papel importante na sensibilização dos líderes comunitários, dos chefes de aldeias, dos chefes religiosos e das comunidades tradicionais. A Associação cresceu com outras filiais; em 2004, foi criada a Rede de Comunicadores Sociais em dez países, e a cerimônia de criação aconteceu em Burkina Fasso, presidida pelo primeiro-ministro e pela esposa do presidente daquele país. A partir de fevereiro de 2006, Mamadou passou a fazer parte da Comissão pela Valorização do Patrimônio Cultural Imaterial da Unesco, que preferiu chamar de Cultura da Oralidade (CAVALCANTI, 2021).

Ainda de acordo com Márcio Caires, podemos afirmar que Mamadou elaborou uma carta de intenções de parceria entre a Rede de Comunicadores Tradicionais do Mali e da África do Oeste e o Projeto Grãos de Luz e

Griô, quando foi revelado que a palavra *griot* deriva dos portugueses, que foram os primeiros navegadores europeus a chegarem nesta região, seguidos dos alemães e depois dos franceses. Quando os portugueses chegaram nestas terras, viram pessoas que falavam gritando e tocando um instrumento de percussão. Essas pessoas eram os *djelis*, que tem a função de comunicadores. Os anúncios, os informes dos chefes das aldeias eram transmitidos pelos *djelis*. Numa reunião com muitas pessoas, o rei tinha o *djeli* como porta-voz para transmitir suas mensagens por meio de instrumento de percussão e com um tom de voz para ser ouvido por muitas pessoas. Nas aldeias, os *djelis* emitiam mensagens caminhando em espaços públicos, utilizando batidas rítmicas no instrumento de percussão.

Os portugueses viram essas pessoas e as denominaram “pessoas que gritavam”, os “gritadores”, os quais, por uma transformação linguística foram chamados de griots pelos franceses. No dicionário francês, a palavra *griot* é traduzida como *troubadour*, ou trovador, que em português significa músico ambulante. A tradição *griot* na África envolve uma prática de mediação, comunicação e genealogia que o significado de “trovador” e “músico ambulante” restringe somente ao sentido do músico, mesmo considerando que o trovador traz em seus cantos as histórias de vida do povo. Para Mamadou, em sua memória narrativa, o *djeli* é um músico, genealogista, contador de histórias, comunicador, mediador social, reconciliador, mestre de cerimônia, conselheiro, chefe de protocolo da família real, educador da casa real, quem ensina as virtudes da sociedade. Na carta de intenções de parceria entre a Rede de Comunicadores Tradicionais do Mali e da África do Oeste e o Projeto Grãos de Luz e Griô, Mamadou manifestou apoio ao trabalho do Grãos de Luz e Griô, desenvolvido no Brasil, e ao uso e tradução do termo “griô”. Segundo Pacheco (2018).

Mamadou Ben Chérif Diabaté é um *djeli* e filho de um conhecido e respeitado *djeli* da África, Kelemonzon Diabaté. Os Griôs são islamizados. Respeitam o chamado diário do sistema de som das mesquitas para o momento da reza (presença do sagrado no cotidiano).

Para Pacheco (2018), as narrativas de Márcio Caires, acerca dos sentidos das pessoas que são cuidadas e preparadas ancestralmente para a função de serem bibliotecas vivas, nos relembram o chamado Benjainiano (2003), para os estudos em memória social acerca da transmissibilidade entre vida e palavra no ato de narrar, ao contar artesanalmente histórias de experiências coletivamente. Márcio Caires (2018) destaca que uma outra atividade importante dos griôs em Bamako, é a apresentação musical em bares e aulas de *kora*, *balafon* e outros instrumentos em escolas de música (PACHECO, 2018). Alguns griôs tornam-se artistas musicais reconhecidos, criam bandas integrando instrumentos, músicas tradicionais e contemporâneas, e caminham pelo mundo realizando espetáculos.

Segundo Lillian Pacheco (2006) pode-se identificar que

os Griôs Dyabatês cuidam mais da sabedoria do instrumento *kora* e os Griôs da família Kouyatês cuidam da sabedoria da fala, considerando que os Dyabatês também têm habilidades na fala e que os Kouyatês tocam instrumentos, como o próprio *balafon*.

Os saberes partilhados pela pedagogia griô/Ação Griô Nacional foi uma das inspirações na formação do projeto-Escola Semente de Jurema (ESJ), tendo na música de matriz africana a realização de práticas educacionais contempladoras da ancestralidade como promotora de saúde coletiva e individual. E a pedagogia griô foi uma dessas linhas de criação, em que os saberes das comunidades tradicionais da Jurema Sagrada, foram se infiltrando em diversos espaços de educação em ações de encantamento da escola pela cultura dos povos antigos.

Os princípios e as práticas da pedagogia griô são baseados em favorecer a ligação entre o ser e a palavra; a responsabilidade entre o ser e a terra; o desenvolvimento da memória; a importância do conhecimento integral e integrado; os rituais de vínculos afetivos na educação; a vivência da rede de transmissão oral; as artes e os ofícios de tradição; o lugar político-social dos mestres e griôs; a convivência intergeracional, histórias

de vida como fonte do conhecimento; o saber e a palavra como autoria da cadeia ancestral de transmissão oral. Os projetos político-pedagógicos da ação griô nacional foram construídos entre educadores-parceiros da escola formal e os griôs das comunidades de tradição oral de diversas regiões do Brasil. O educador parceiro é qualificado como professor, profissional da educação formalmente ligado ao quadro de trabalhadores da escola, que, sensibilizado pela inserção dos saberes das culturas de tradição oral, atua como coconstrutor da concepção e da articulação da escola com a comunidade, em conjunto com o griô aprendiz.

A função do griô aprendiz é estar inserido nas comunidades tradicionais por meio de um mestre e ser aquele que vai fazer a ponte, os encontros entre o griô de sua comunidade e a escola, para que esles continuem a caminhada de coconstrução das ações em que existe, a disponibilidade de um educador parceiro em levar a construção compartilhada do conhecimento entre saberes e fazeres culturais e o saber da educação formal para a escola. O griô aprendiz auxilia na inserção do mestre griô na escola e do educador parceiro nos saberes da comunidade do griô de tradição oral. Após os primeiros encontros, ele segue na afirmação de assegurar as necessidades que os mestres griôs e os educadores parceiros terão para realizar o trabalho, favorecendo que os encontros, vivências e demais atividades ocorram da melhor forma possível. Seu perfil foi traçado como aquele que tem experiência em pesquisa e mobilização social, diálogo e mediação política; participante de grupos culturais e/ou associações locais que trabalhem com as tradições orais; entre outras habilidades.

Os lugares do educador griô e do griô aprendiz versam sobre o empoderamento das organizações da sociedade civil como mediadores do diálogo entre o universo e os saberes de tradição escrita e tradição oral; a facilitação e valorização de vivências integradoras entre as áreas do conhecimento mítico, artístico, científico, religioso, integradas às história de vida e aos saberes e fazeres tradicionais da comunidade, do fortalecimento da capacidade de auto-organização e de inclusão social da comunidade por meio do incentivo aos espaços de gestão compartilhada e de redes sociais de base afetivas e culturais.

A pedagogia griô: artes sagradas nas ciências da saúde integrativa

Seguindo a narrativa da nossa mestra griô e zeladora de Jurema, mãe Dada (*in memorian*) que sempre indicava aos seus consultantes no terreiro que fossem aos médicos “fazer o tratamento do corpo junto com o tratamento da alma”; seguimos nas reflexões e nos ensinamentos acerca do legado da ancestralidade indígena apresentado na Jurema Sagrada e suas contribuições para as práticas das medicinas integrativas no cuidado da saúde humana.

As narrativas de memória do Projeto-Escola de Cultura e Saúde Semente de Jurema (ESJ) eclodiram de nossa vinculação com o projeto griô “Arte e nagia na Jurema pernambucana”, propiciado pela Ação Griô Nacional. A força motriz e fundante de nosso projeto pedagógico se ancorou nas expressões musicais atreladas à tradição espiritual da Jurema Sagrada e na importância de ritmos, sons, ritos de palavras e plantas de cura que se entrelaçaram. Agregando-se a essas vivências, apresentamos a reunião dos ensinamentos das experiências internas na Fiocruz acerca dos projetos de Linguagens da Arte e Humanização do SUS, realizado no Instituto Nacional Evandro Chagas e na escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio.

Seguindo a narrativa de memória de Márcio Caires em África (PACHECO, 2018), podemos destacar que o nomadismo dos *griôs peuls* determinou os instrumentos que transportavam, sendo naturalmente mais leves, como o *ngoni*, viola feita de pele de animal, ao passo que os griôs dos grupos *Bambara* e *Manica* tocavam inicialmente *balafon*, criado pelo rei *Sumanguru Kante*.

O músico e luthier pernambucano Joás Santos residente no Rio de Janeiro, integrante da equipe de oficinairos e professores do projeto “Arte magia na Jurema pernambucana” e cofundador do grupo de Maracatu Semente de Jurema – compartilhou ensinamentos sobre todos os instrumentos africanos tradicionais (CAVALCANTI, 2021).

As atividades de cuidado e educação em saúde por meio da música são elos de ligação das vivências na ESJ com as memórias que enredam

as tradições africanas e pernambucanas no desenvolvimento do projeto “Griô na escola”, selecionado pelo programa Mais Cultura na Escola. Portanto, a inserção do projeto “Arte e magia na Jurema pernambucana” foi o solo fértil para semear a inserção das artes de cuidar da Jurema Sagrada na rede de tradição oral nacional, pela afirmação da sabedoria ancestral das medicinas da Jurema Sagrada nos espaços formais e informais de educação.

O esboço da construção política pedagógica das vivências com as medicinas e saberes tradicionais foi desenhado com base no aprendizado com o saber-fazer da voz ancestral da matriarca da comunidade da Jurema Sagrada em Pernambuco. Construção atravessada entre o aprendizado e a pedagogia griô e também o que nas medicinas da Jurema Sagrada chamamos da “ciência mestra” – sabedoria espiritual de matriz indígena, aliançada pela força viva da natureza.

Os dez anos de trabalhos vivenciais nas medicinas da Jurema e de aprendizado com a pedagogia griô, como uma das linhas desse rizoma de educação em saúde, forma de fundamental importância para a tecedura da escrita de narrativas de memória. Essas narrativas foram compostas da transversalidade integrativa entre formas de aprender e ensinar e os modos de cuidar da saúde, os quais são harmonizados com os sons e ritmos das águas e florestas, fincados por elos de memória com a ancestralidade e suas teias de poder-saber com os esquecimentos contemporâneos. O antigo e o novo em seus efeitos transformadores e suas cadeias de transmissibilidade de saberes de cura física, mental e espiritual.

Gondar (2003) afirma que todo poder político pretende controlar a memória, selecionando o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido, e que o poder não apenas opera uma seleção entre recordações já existentes mas também produz a própria lembrança. Se o poder é um jogo de forças, podemos afirmar que a memória também pode ser dispositivo desse poder, de resistência e, como enquanto dispositivo móvel, pode operar efeitos de memória ou de esquecimento. Os desdobramentos do fluxo de poder-saber da Jurema Sagrada nos trouxe outras memórias além das referentes

aos indígenas perseguidos, assassinados, violentados por colonizadores, mas de quilombos e resistências, de modos de lutar, de acolher, de saberes que floresceram, porque ficaram germinados, escondidos nas matas, nas práticas de resistência e invenção de jeitos, táticas de estar no mundo, acolhendo irmãos africanos, “bruxas” oriundas da inquisição e uma série de etnias e saberes, em um tempo-espaco de trocas e compartilhamento entre povos. Não estamos tratando apenas de exclusão e afirmação identitárias, mas de sistemas de generosidade, memória-efeito-resistência no acolhimento entre sabedorias de povos antigos. Aqui se trata de uma memória do futuro e ao mesmo tempo memória ancestral, que caminha na espiral de volta ao passado de ensinamentos, mas também de força contra o represado, o recalçado, o manipulado, o editado e o esquecido.

A comunidade tradicional de Jurema foi fudada na Paraíba e Pernambuco e tem na pagelança indígena, no toré e no culto à arvore da Jurema e seus poderes de cura, enteógenos, suas principais características. Com a chegada dos irmãos africanos, sobretudo de etnia Bantu, os índios acolhem tanto a cosmologia como a linguagem e passam a fundir-se em rituais de encantamento dos saberes desses povos, o que lhes permitiu fundar o Quilombo dos Malungos, entre Pernambuco e a Paraíba, no Nordeste brasileiro. Atualmente tem adeptos no Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Portugal. A Jurema Sagrada é guardiã espiritual do maracatu de nação, do maracatu rural, da sambada de coco, do cavalo-marinho, ciranda, coco de toré, caboclinho, entre outras várias brincadeiras populares do Nordeste

Em ressonância com essa vontade de uma escavação de outras memórias e formas de transmissibilidade, os planos de montagem e gestão de saberes e princípios da Ação Griô Nacional/pedagogia griô foram os portais do retorno à memória ancestral brasileira; fomentaram encontros, redes, parcerias, trocas, reconhecimento, visibilidade de teias de artes e ofícios das comunidades tradicionais e seus saberes espirituais e culturais já em esquecimento no território brasileiro; e trouxeram uma série de elementos e uma forma de gerir essas redes, de colocar em diálogo com a escola. Essa ação dialógica entre saberes diversos tem

como potência a valorização dos ofícios e das artes sagradas de cura e cuidado que a Jurema Sagrada promove na saúde humana, sobretudo uma sabedoria vivencial da relação entre as ervas medicinais e a musicalidade na Jurema Sagrada.

Relacionamos a seguir as contribuições das narrativas feitas na direção da partilha de conhecimento entre comunidade tradicional de Jurema e unidades educacionais. Na Apae, na perspectiva da profissionalização de jovens e adolescentes, em relação aos temas do trabalho e no programa Mais Cultura na Escola, entre outros, que foram de extrema valia – por colocarem em análise a “educação inclusiva” – em seu caráter de educação em saúde. Isso ocorreu por meio de plantas medicinais e saberes tradicionais de cura, que também vieram com a oferta da música de terreiro de Jurema, como a sambada de coco e o maracatu. As atividades foram realizadas tanto em Pernambuco como no Rio de Janeiro, e ocorriam sempre de forma compartilhada entre as sabedorias que a mestra disseminava. Além disso, eram tecidos diálogos com as escolas parceiras para desenvolver trabalhos de cultura e saúde mediante a tradição oral das sabedorias da Jurema Sagrada. Portanto, a gestão compartilhada de saberes é uma forma de gestão de conhecimento em saúde integrativa.

Atuando também por convites para eventos e aulas-espetáculos em diversas instituições de educação formal, ao acessarmos os princípios e as metodologias desenvolvidas pela pedagogia griô, pudemos elaborar coletivamente, com educadores parceiros, estudantes e mestres da cultura dos povos de tradição oral, a concepção de projetos político-pedagógicos em saúde e cultura. O formato desses projetos era itinerante para circular entre espaços formais e informais de disseminação da arte, práticas de saúde e sabedorias das comunidades tradicionais de Jurema. Os mestres e mestras das culturas e sabedorias ancestrais não foram apenas convidados a participar de aulas, eventos e vivências. Eles também são educadores, protagonistas das atividades e de como a escola formal pode aprender com eles. As músicas selecionadas guardavam forte conexão de memória e cura, com ensinamentos da natureza, suas leis e princípios

de cura. Dessa forma, traz os sotaques do Nordeste brasileiro, de forma respeitosa e harmônica como os povos tradicionais lidam com os ciclos de ensinamentos e com os elementos do meio ambiente. Todos os envolvidos no trabalho de construção compartilhada do conhecimento, tanto os educadores como a mestra griô Dada foram cuidadosamente ouvidos, e as temáticas a serem trabalhadas e vivenciadas com os alunos foram tecidas em encontros entremeados pela griô aprendiz, na construção coletiva das atividades e da especificidade de cada saber, de cada pessoa, inclusive dos alunos.

As questões iniciais giravam em torno de como levar de forma respeitosa os ensinamentos da tradição da Jurema Sagrada para o espaço da educação formal no Rio de Janeiro. Diante de um processo cuidadoso de transmissão dos saberes culturais da comunidade da juremeira para fora do espaço específico do terreiro e dos membros que compõem a comunidade tradicional do estado de Pernambuco para o Rio de Janeiro. Para isso, foram construídos espaços de diálogos, reuniões para a seleção de materiais e sensibilização de todos os envolvidos. Outro ponto importante foi preparar/sensibilizar a escola para receber a mestra griô e seus ensinamentos de forma respeitosa. Um processo de construção que envolveu meses de escuta, pesquisa e seleção de materiais, observação do espaço escolar e acerca das questões importantes a serem transmitidas, mantendo a preservação de valores litúrgicos espirituais fundamentais da Jurema Sagrada.

Segundo a narrativa da voz matriarca da sabedoria ancestral da Jurema Sagrada que mediava a nossa “Oficina de plantas sagradas para a saúde”, foi desenvolvido o planejamento de ações específicas para serem difundidas acerca da relação entre a cultura das comunidades de Jurema Sagrada com as práticas e políticas de saúde como foco na humanização do SUS e também no desenvolvimento do ensino em práticas integrativas e tradicionais em saúde. Como referencial à Jurema Sagrada, trazendo o saber do mestre, suas artes e ofícios tradicionais são trazidos para o centro das atividades didáticas. Não mais como objetos do saber, mas como construtores ativos de todos os processos de atividade educacional, desde

a concepção do plano de aula, da vivência e da oficina, até a mediação da atividade e sua avaliação “final”, em uma escuta dialógica entre os saberes da educação formal e os saberes da educação dos povos tradicionais, em conexão com suas práticas de arte e saúde.

A construção do projeto político-pedagógico era tecida a cada encontro, em cada espaço. Nas atividades realizadas na Apae, para cada encontro havia uma planta sagrada que era apresentada aos alunos, ressaltando seus aspectos medicinais: plantas que relaxavam, que estimulavam, que ajudavam a respirar melhor, nos processos digestivos e anti-inflamatórios. Para cada planta apresentada, havia um guardião espiritual, para o qual havia a música mais propícia para ser cantada e tocada, a fim de ativar seus poderes mágicos de cura, pedir permissão a terra, ativar o poder das mãos que iriam preparar chás e banhos de ervas. Além disso, eram ofertadas aos alunos e professores as histórias do uso das plantas sagradas, comumente chamadas de medicinal.

Outro ensinamento importante realizado no grupo da Apae foi destacar que cada planta guarda uma energia espiritual específica e a importância de ser orientado no uso da planta sagrada, que pode ser tanto remédio como veneno, dependendo da dosagem e de outras avaliações necessárias, como algum componente da planta que possa causar alergias. As plantas medicinais sagradas foram apresentadas de forma acessível aos alunos e professores. Eles puderam sentir o cheiro e conhecer a textura de cada folha. Aos poucos, por meio dos cheiros e contatos com as plantas, foram produzidas músicas aos ritmos do coco, da ciranda e do maracatu nos quais se descreviam e sentiam os ensinamentos recebidos e ofertados.

Outras vezes apresentávamos as histórias dos guardiões espirituais das folhas, como a caipora e outros seres da floresta e das cidades espirituais dos índios. Não havia medo nem preconceito, pois tudo se fazia com muitas brincadeiras e cantigas, com instrumentos musicais da cultura popular pernambucana, que traziam em si o encantamento e a vontade de saber, que era despertada pelo som da música e pelo cheiro das plantas medicinais sagradas. Entre flechas imaginárias, às vezes de brinquedo,

tecíamos elos entre a memória e o conhecimento. A diversidade de cheiros e sons, trazia conforto, autoestima, pertencimento e construção de elos de identificação com muitas narrativas compartilhadas sobre a história dos povos originários, assim como, a condição de preparar-se profissionalmente para ingressar no mercado de trabalho, sendo portador de “deficiências” intelectuais, físicas ou síndromes de diversas ordens.

Do memorar dos saberes e fazeres dos índios e de jovens, vivendo com síndromes e deficiências de várias ordens, as narrativas sobre fazer saúde se compunham no elo entre compartilhar de histórias de resistência, diante da exclusão social e as narrativas que não encontravam caminhos nos assentos das escolas formais, nos livros didáticos oficiais, ou nos compêndios da história social e cultural brasileira. As histórias de plantas e músicas se enriqueciam com as narrativas das mitologias afro-asiáticas e afro-brasileiras que nossa mestra griô compartilhava conosco. Elas deslocavam a questão da “deficiência física e mental”, do processo de doença para um processo de saúde, entendida como produção de vivências criativas de outras subjetividades, de outras narrativas de memórias, nos quais as limitações do corpo eram abordadas nas mitologias e narrativas de tradição oral dos povos tradicionais, que narram a formação do corpo humano e de suas capacidades, diante da perspectiva da integralidade corpo-mente-espírito.

A experiência do projeto griô na Apae trouxe ensinamentos sobre a formação da doença social do preconceito, e da ausência de memória ao reconhecimento da diversidade humana que as culturas nos ensinam; e reflexões sobre que processos de saúde e doença respondem às rotulações e aos diagnósticos fragmentados da medicina altamente especializada do Ocidente contemporâneo. Em geral, a atividade em um projeto que segue a pedagogia griô pretende dialogar com uma ou mais disciplinas da educação formal. No caso de nosso projeto, dialogamos com o professor de História, Walmir Dias, e com a coordenadora pedagógica da escola. De tal forma, mais que articular a história do Brasil e suas plantas medicinais e sagradas, desenvolvemos uma aula de saúde coletiva por meio da cultura da Jurema pernambucana, entendendo que os processos de saúde

e doença são aqueles em que o componente espiritual é extremamente importante de ser abordado e cuidado.

Outro espaço que também recebeu as atividades desse projeto foi a praça de São Domingos, em Niterói. A praça situa-se entre prédios da Universidade Federal Fluminense e a região central de Niterói. Local onde havia ocupações como o Mama África (coletivo de mulheres oriundas de um orfanato que ocuparam um casarão), moradores de rua, estudantes e professores, uma enorme circulação de artistas, músicos e bares. A praça demarca-se como território de encontros de vários grupos artísticos e de pessoas de diferentes credos, formações, classes sociais.

As atividades ofertadas foram oficinas de percussão afro-pernambucanas, nos quais eram ensinadas a história da música pernambucana, dos mestres e mestras da Jurema Sagrada, dos grupos e das nações de maracatu, coco, ciranda, mediante a parceria com o *luthier* e músico pernambucano Joás Santos. O objetivo das atividades não era apenas ofertar um espaço de divertimento ou de iniciação musical, mas, sobretudo, disseminar as memórias da tradição, a cultura tradicional pernambucana, por meio da música e promoção da saúde física e mental, promovendo uma musicoterapia ancestral.

As atividades de aprendizado dos ritmos eram sempre associadas às informações sobre rituais de saberes que envolviam o cuidado com a ancestralidade, com os mestres da cultura que zelam pela continuidade da tradição. Estavam abertos os ciclos de espaços de aprendizado griôs. Eclodiram narrativas de uma escola sem muros, feita na rua, na passagem entre múltiplos atores sociais, abrindo o palco artístico para as memórias da ancestralidade afro-pernambucana. Histórias contadas com música, elo de ligação entre grupos diferenciados, mas que tinham nas oficinas de maracatu, um ponto de acesso a saberes e histórias, que demarcavam a construção de outras memórias, estados mentais/emocionais. Embora houvesse o trabalho de grupos percussivos que usavam os ritmos do maracatu no Sudeste brasileiro, a Escola Semente de Jurema nascia, justamente, com esse diferencial. Partilhar os ensinamentos sagrados que constituem o modo como o povo tradicional da Jurema Sagrada cultua seus ancestrais por meio da música como

um rito. O elo de memória estabelecido entre música, plantas sagradas e espiritualidade foi um processo que marcou o início das propostas pedagógicas desenvolvidas.

As sabedorias aqui partilhadas reforçam que a pedagogia griô possui passos e etapas importantes na consolidação de projetos político-pedagógicos na educação em saúde integrativa, atendendo os princípios e valores da Política Nacional e Humanização do SUS e da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS).

As artes do sagrado e o ensino das práticas integrativas em saúde deflagram que as sabedorias ancestrais/espirituais das comunidades e os saberes tradicionais são anteriores a instituição da ciência ocidental moderna, baseada em evidências. Ademais, apresentam uma metodologia de ensino e aprendizagem atravessada pelas culturas e suas dinâmicas espirituais nos processos de saúde e doença, assim como apontam para a interseção da educação popular em saúde e da saúde integrativa. Nesse viés, as correlações entre modos de realização dos processos educacionais e suas variáveis em contextos geográficos e comunitários se apresentam como forma de atravessamento e não almejam uma replicabilidade dos resultados, mas dos processos de modos pedagógicos integrativos e intergeracionais, ancorados pelos saberes ancestrais e de tradição oral.

A pedagogia griô ainda nos informa sobre a importância das cadeias de transmissão (comunicação em saúde) engendradas pelos griôs aprendizes, aportados em uma rede de comunicação não violenta na saúde integrativa; esse dado aponta para a formação dos agentes comunitários de saúde como elos importantes de serem sensibilizados na cadeia de transmissão oral.

Afirmam as artes do sagrado dos povos tradicionais e seus saberes espirituais como processos de sensibilização da conquista dos espaços formais de educação e assistência em saúde integrativa, bem como correlacionam a ciência formal baseada em evidências e a ciência não formal baseada em vivências em suas contribuições para a educação integrativa. Destacamos que a pedagogia griô tem como valores referências metodológicas para sua inserção na educação em saúde integrativa:

- ligação entre o ser e a palavra/ rede de transmissão oral – cadeias de transmissão na sensibilização dos agentes, gestores e trabalhadores da saúde e suas comunidades em PICS;
- responsabilidade entre o ser e a terra – abordagem dos contextos sociais, culturais e espirituais na educação em PICS;
- valorizar artes e ofícios de tradição – construção de planos políticos pedagógicos em educação e saúde integrativa;
- lugar político-social dos mestres e griôs – reconhecimento dos diversos saberes que compõem o SUS e suas práticas integrativas em saúde;
- convivência intergeracional – constituição e intercâmbios de aprendizagem em cuidados em saúde entre gerações de idades diferentes;
- histórias de vida – a importância das formas de viver que compõem os estados de saúde e doença;
- autoria da cadeia ancestral – afirmação da importância da ancestralidade para a saúde integral;
- gestão compartilhada de saberes como fonte de conhecimento baseada em vivências na educação em saúde;
- espaços de escuta dos saberes de todos – equidade na comunicação humanizada em saúde;
- rituais de vínculos afetivos – a observação e inserção dos diversos contextos afetivos na promoção à saúde corpo-mente-espírito;
- desenvolvimento da memória – desenvolvimento das atividades de autoria da própria história e poder de escolha de trabalhadores e usuários do SUS na promoção da saúde integrativa;
- conhecimento integral e integrado.

Assim como a pedagogia griô nos ensina a fazer a conexão entre culturas e o campo da educação formal, podemos transpor esse modo pedagógico para o ensino da saúde formal atual, que cuida de adoecimentos e sua prevenção; essa escrita é um convite à inserção das artes e dos ofícios sagrados das comunidades tradicionais, fundamentais para o ensino em

saúde integrativa: uma educação integrativa, interagindo e apontando o caminho da formação filosófica e mitológica no cuidado com os contextos culturais e espirituais como determinante social da saúde, como saberes fundamentais para a grade curricular em educação em saúde. Essa metodologia pode nos oferecer os passos na construção de uma educação integrativa e humanizada, que abarque os temas apontados pelas PICS e medicinas tradicionais na saúde integrativa, incluindo a espiritualidade e suas medicinas sagradas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AÇÃO griô: uma política pública referência de gestão compartilhada em rede no Brasil. **Grãos de Luz e Griô**, [s. l.], 2013. Disponível em: <http://graosdeluzegrio.org.br/acao-grio-nacional/>. Acesso em: 20 set. 2023.

BENJAMIN, W. **Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política**. São Paulo; Brasiliense, 1993 v. 1.

CAVALCANTI, A. H. **Linguagens da Arte e Comunicação no SUS – Encarte Metodológico em Comunicação e Saúde para a Humanização do Trabalho Hospitalar**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007. Disponível em: <http://escolasementedejurema.wordpress.com>.

CAVALCANTI, A. H. **Narrativas de memória e medicinas tradicionais: a escola de cultura e saúde semente de Jurema**. 2021. Tese (Doutorado em Memória Social) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

GONDAR, J. **Memória e Espaço: trilhas do contemporâneo**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

PACHECO, L. **Pedagogia griô. A reinvenção da roda da vida**. Lençóis: Grãos de Luz e Griô, 2006.

PACHECO, L. Dossiê Pedagogia Griô. **Revista Diversitas**, São Paulo n. 3, 2018.

PEDAGOGIA griô. **Grãos de Luz e Griô**, [s. l.], [200-]. Disponível em: <http://graosdeluzegrio.org.br/pedagogia-grio/>. Acesso em: 20 set. 2023.